

CADERNOS

29

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Especial Japão

Compreensão da comunicação em japonês com atividades de legendagem

Kyoko Sekino¹

Resumo: O ensino vigente do japonês, especialmente, em cursos superiores no Brasil, demonstra-se ineficaz para que o aluno exerça pleno domínio dessa língua. A abordagem gramatical pode não ter ensinado a comunicação em si, bem como ter impedido o acesso a uma aprendizagem holística. De acordo com o método sugerido por Sekino e Takahashi (2018), aplica-se a legendagem no ensino de japonês com o uso de uma série de TV japonesa, JIN, para uma turma. Tal ação ocorreu com o intuito de melhorar o entendimento da comunicação em língua japonesa sustentado pela abordagem cognitiva de comunicação, ou seja, comunicação ostensiva-inferencial de Sperber e Wilson (1986) e Gutt (2000). Na aplicação da legendagem, após as etapas de transcrição, “semantização” e tradução automática, os alunos observaram o contexto e adequaram a tradução automática em quase todas as partes. Isso ocorreu devido à busca por uma comunicação mais eficaz na língua portuguesa-brasileira, evidenciando, por sua vez, a equivalência da comunicação do par linguístico. O estudo ainda está em andamento e necessita de uma metodologia mais consistente para observar o domínio do japonês pelo aluno após experimentar a legendagem.

Palavras-chave: Teoria da Relevância. Comunicação ostensiva-inferencial. Legendagem. Ensino de japonês.

Abstract: The current Japanese teaching, especially in higher education courses in Brazil, appear to be ineffective in enabling students to fully master the language. The grammatical approach may not have taught communication itself, but it may have prevented them from access to holistic learning.

1 Professora do curso de Letras – Língua e Literatura Japonesa e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília (UnB).

According to the method suggested by Sekino and Takahashi (2018), the subtitling was applied to teaching Japanese using a Japanese TV series, JIN, in a class in order to improve the understanding of Japanese language communication, supported by the cognitive approach to communication, i.e. ostensive-inferential communication by Sperber and Wilson (1986) and Gutt (2000). In the subtitling, after the transcription, ‘semanticisation’ and machine translation stages, the students observed the context and adapted the machine translation in almost all parts. This was due to the fact that they look for more effective communication in the Portuguese-Brazilian language, that is, the equivalence of the language pair’s in communication. The study is still in progress and needs a more consistent methodology to observe the student’s mastery of Japanese after experimenting with subtitling.

Keywords: Relevance Theory. Ostensive inferential communication. Subtitling. Japanese teaching.

Introdução

A abordagem gramatical é predominante no ensino de japonês nos cursos superiores no Brasil, tendo em vista os livros didáticos utilizados, bem como os artigos e publicações² na última década, estes contemplantes da temática do ensino de japonês como língua estrangeira. Embora não se saiba com clareza o nível médio dos alunos que estudam japonês nessas instituições durante sua formação, pode-se estimar que a maioria atinge o N3 no exame de JLPT (*Japanese Language Proficiency Test*) e poucos conseguem o N2³. O exame cobra dos participantes conhecimento gramatical, interpretação de textos e capacidade auditiva. São perguntas passivas que não envolvem produção oral nem escrita. Contudo, percebe-se um paradoxo: os participantes não conseguem bons resultados nesses exames repletos de questões gramaticais e textuais, apesar de seus estudos na universidade serem primordialmente voltados para a obtenção de conhecimento gramatical. Então, como docente de uma instituição superior, senti o incômodo da existência de empecilhos para os alunos atingirem uma aprendizagem sistêmica, mas especialmente no desenvolvimento comunicativo em japonês.

Após analisar os diferentes métodos aplicados pelos docentes, surgiu a preocupação com o ensino da comunicação, ou melhor, sobre o que de fato se trata a natureza da comunicação no ensino de línguas estrangeiras (LEs). Ao observar os

2 Tópicos de Gramática da Língua Japonesa (Org. MATSUBARA, L.M., USP, 2011. Tópicos Gramaticais de Língua Japonesa (Orgs. MUKAI, Y; SEKINO, K., UnB, 2013). Gramática da Língua Japonesa para falantes do Português (Orgs. MUKAI, Y; SUZUKI, T., UnB, 1^a. ed. 2016; 2^a. 2016; 3^a. ed. 2018). Língua Japonesa: Classes de Palavras. (PEREZ; OTA; KIKUCHI, USP. 2023)

3 Na Universidade de Brasília, menos de 10% dos alunos conseguem o N2 durante sua formação.

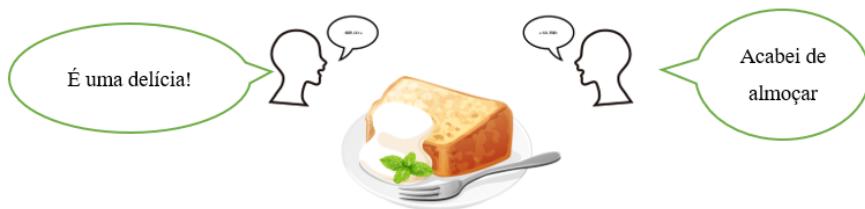
discentes no processo de estágio, a última etapa para a formação, perceberam-se momentos em que os estagiários ensinam diálogos escritos no livro didático, seguidos da respectiva análise gramatical. Pode-se dizer que eles herdam de seus professores os mesmos estilos e métodos de ensino, os quais devem ser revisados e alterados para uma busca de ensino mais eficaz nos termos de proficiência e comunicação.

Por vezes, quando me responsabilizei por uma disciplina e pude ter uma escolha relativamente mais livre dos materiais e métodos, introduzi a legendagem na sala de aula com o intuito de providenciar aos alunos oportunidades de observar a comunicação e o contexto. Nesse sentido, os discentes poderiam entender a dinâmica entre os comunicantes e, assim, transportá-la para a própria linguagem. Para essas atividades, usou-se observação, tradução e legendagem, necessitando-se, desse modo, de todas as habilidades linguísticas e a consciência do uso da inferência.

No presente trabalho, apresenta-se a importância de compreender a comunicação baseada na abordagem da Teoria da Relevância (TR) (SPERBER; WILSON, 1986) e atividades de legendagem no ensino de japonês com o método apresentado por Sekino e Takahashi (2018), dando alguns exemplos das atividades realizadas em sala de aula no segundo semestre de 2023. Portanto, o objetivo do estudo é refletir o atual ensino do idioma japonês, haja vista que o curso almeja a proficiência do aluno na comunicação e discute uma das formas de trazê-la por meio da tradução e legendagem, dando a devida importância à percepção do contexto para compreender a comunicação.

Fundamentação teórica

Iceberg – Teoria da Relevância



Quadro 1: A comunicação ostensiva-inferencial (produção nossa)

A figura do Quadro 1 mostra como se configura um processo comunicacional com base em um exemplo comumente observado no dia a dia. O falante oferece

uma fatia de bolo e o interlocutor a recusa. Percebe-se que nessa comunicação nenhuma interação como “quer um bolo?” e “não quero” aparece. Todavia, entendemos o significado da mensagem, ou seja, conseguimos inferi-lo. A TR explica a predisposição humana para a inferência, na qual a língua na comunicação verbal é apenas uma faceta. Por outro lado, a maior parte não verbalizada é processada cognitivamente, isto é, pela inferência. A imagem do bolo não foi codificada nem decodificada, mas, entre os falantes, é percebida sem emitir a palavra em questão. Pode-se dizer, então, que por meio da circunstância (contexto) o interlocutor acessa a intenção do locutor de oferecer o bolo por meio da inferência (MATSUI, 2003). Gutt cita a metáfora do *iceberg* para representar a mente humana na comunicação verbal.

Grice (1989) defende que não se pode realizar uma comunicação verbal sem o ato de buscar a intenção do falante, sendo os quatro princípios enumerados pelo autor: da quantidade, da qualidade, da relevância e do modo; os quais são chaves do sucesso em comunicação verbal. A TR foi desenvolvida a partir da relevância griciana⁴ considerando aspectos que vão além dos postulados por Grice.

Sendo assim, o sistema cognitivo humano funciona para maximizar a relevância, acionando o conhecimento existente para interagir com novos estímulos. Desse modo, ele proporciona uma nova conjectura, o que não apenas ocorre a partir do conhecimento existente nem de novas informações. Geram, então, possíveis suposições contextuais (SPERBER; WILSON, 1986) por meio da interação entre o existente e o novo e nela, especialmente o interlocutor escolhe a melhor suposição que atende à expectativa do falante. O ser humano almeja e realiza uma comunicação econômica, que visa o maior efeito contextual possível com o menor esforço cognitivo. Em outras palavras, sempre se busca emitir apenas um número suficiente de informações para que o interlocutor consiga processá-las de forma mais eficaz possível, pois ele não consegue fazê-lo com uma quantidade grande de informações. Matsui (2003) explica que o indivíduo tenta providenciar uma situação comunicativa para obter êxito da transformação almejada na cognição do interlocutor.

Presume-se na TR que o locutor possui duas intenções na comunicação: 1) informativa, informar algo ao interlocutor e; 2) comunicativa, informar ao interlocutor a intenção de informar algo. A comunicação é concretizada quando

4 Apenas a relevância foi desenvolvida descartando outros princípios do Grice, porque Sperber e Wilson sustentam que esses outros são explicados na relevância.

o interlocutor reconhece essas intenções do locutor. A primeira, chama-se de “comunicação ostensiva-inferencial”. Como visto no Quadro 1, o estímulo ostensivo é verbalizado por meio da palavra “delícia”, enquanto a intenção do locutor recomendar o bolo foi acessada e processada adequadamente pelo interlocutor, nesse caso, rejeitando o alimento.

As informações emitidas, ou seja, o estímulo ostensivo é a verbalização, com uma expectativa de se possuir relevância ótima. Além disso, o estímulo ostensivo consegue cumprir a relevância ótima só quando cumprir duas condições: a) possuir relevância que merece o esforço do interlocutor; b) ser o mais relevante de acordo com a capacidade e preferência do locutor, ou seja, emissor da mensagem. No que diz respeito à recepção da mensagem, o interlocutor deve decodificá-la com o menor esforço possível. Caso a mensagem seja ambígua, ele tenta várias interpretações, e escolhe a que seja mais pertinente à intenção e expectativa do locutor, guiando-se pela ordem da mais forte a mais fraca. Destarte, conforme a relevância é realizada, ou seja, assim que a expectativa da relevância é cumprida, o interlocutor para sua busca por mais interpretações.

Dessa forma, a comunicação é explicada quando, além da parte linguística, o papel da inferência é resgatado. No ensino de língua com foco na comunicação, o contexto e todas as informações disponíveis na comunicação são imprescindíveis. Por outro lado, atualmente, observa-se o ensino de línguas com abordagem supostamente comunicativa, mas sendo realizado somente com base no livro didático, quadro branco ou slides e usos esporádicos de imagens e sons. Entretanto, o êxito do ensino de língua depende da compreensão do que se trata a comunicação por meio da observação, exposição e participação de comunicação pelo aluno. Com isso, naturalmente, emergem-se métodos e estratégias que se direcionam a um processo de aprimoração respaldado na comunicação abordada pela TR.

Tradução à luz da TR

O texto é uma forma de comunicação: parte do autor para o leitor, este que busca entender a intenção informativa e comunicativa do autor. A tradução, por analogia, é outra forma de comunicação. No entanto, esse processo não é tão simples, haja vista que a relação entre o autor e o leitor vai além de uma língua, região geográfica, cultura ou período histórico dentre outros. Na comunicação aplicada à tradução, entende-se que o texto original escrito para a comunidade do leitor em L1 (língua 1) é traduzido por um tradutor (L1 e L2) com o intuito de levar a intenção informativa e comunicativa do autor do texto para o leitor na

L2⁵. O tradutor também carrega seu filtro linguístico e cultural nessa transferência, portanto, essas marcas nunca são imperceptíveis. Uma vez estabelecida a relação entre o autor e leitor de um texto, as informações e intenção comunicativa são compartilhadas por ambas as partes. Esse fenômeno é chamado de ambiente cognitivo compartilhado em termos da TR (SPERBER; WILSON, 1986, GUTT, 2000). Dessa forma, a TR se aplica à circunstância comunicativa bilíngue, frisando a importância do papel do tradutor, além da(s) língua(s).

Sperber e Wilson (1986) entendem a tradução como uma instância do uso interpretativo da língua baseada na semelhança na representação semântica ou na forma lógica. Gutt (1992, 2000) entende o uso interpretativo interlingual no âmbito cognitivo, ou seja: a tradução é semelhança interpretativa, formando um *continuum*, variando, em princípio, desde nenhum pensamento partilhado (sem semelhança) até todos os pensamentos partilhados (semelhança completa equivalente ao ponto final máximo à semelhança interpretativa completa) entre possíveis interpretações pretendidas. Em termos da TR, na comunicação interlingüística, a tradução é uma espécie de citação direta que permite a recuperação total da interpretação originalmente pretendida, dentro do mesmo contexto, sendo esta uma condição crucial. A consequência decorrente da interdependência de causa-efeito do estímulo, da interpretação pretendida e do contexto, condicionada pela natureza inferencial da comunicação, convergem para a teoria central da TR.

Gutt também dialoga com Almazán Garcia (2001), que vê a tradução como uso metarrepresentacional e complementa o uso interpretativo, reconhecendo dois pontos distintos que são: 1) a estabilidade ou crença em uma relação de semelhança entre duas representações e; 2) uma representação é parte principal de outra. A tradução é, consequentemente, “uma instância do uso metarrepresentacional de enunciados em que os enunciados metarrepresentados e os metarrepresentandos ocorrem em línguas distintas”⁶ (s/n). Ainda que essa tese exclua a interpretação que Gutt defende, ela se refere diretamente à relação de semelhança entre dois textos em duas línguas envolvidas, a qual Gutt concorda e suporta, porque essa tese está no mesmo quadro da TR, embora não mencione explicitamente a cognição

5 L1 e L2 não indicam língua materna, segunda língua ou língua estrangeira neste trecho. Nos Estudos da tradução, geralmente, a tradução à L1 significa uma tradução à língua mais forte do tradutor. Percebe-se que no Brasil, os termos não são consolidados, visto que existem nas produções acadêmicas os termos como versão, tradução indireta, tradução invertida etc.

6 (original) *translation is an instance of the meta representational use of utterances where the data represented and the metarepresenting utterances happen to be in different languages.*

humana. Em termos processuais, a criação dessa semelhança precisa da cognição humana, uma vez que a semelhança é cumprida por meio da comunicação ostensiva inferencial.

Ensino de língua japonesa

A língua japonesa, em suas formas linguísticas, é distante do português brasileiro (PB) no que se refere à estrutura, interpretação semântica de palavras, expressões, enunciados, textos, dentre outros. Se o ensino é voltado predominantemente à abordagem gramatical que trata acerca das regras linguísticas e dos mecanismos frasal e textual, pode-se correr o risco de o professor ou aprendiz (ou ambos) desconsiderar o contexto e a lei cognitiva da comunicação inferencial, parte relevante da comunicação. Nesse sentido, o papel da tradução no ensino de japonês assume uma importante função no ensino de comunicação, pois a tradução, se não é literal, envolve o efeito contextual. Além disso, o uso multimodal do cenário de uma comunicação (principalmente todos os movimentos ocorridos em um contexto) na forma de vídeo ou uma sequência de fotografias pode esclarecer a relação entre contexto e linguagem. A construção do conhecimento faz o aprendiz envolver sua aquisição espontânea (KRASHEN, 1987), a qual depende muito do seu conhecimento, experiência, preferência, capacidade, dentre outros, conduzindo-o, possivelmente, a diferentes interpretações que outros não teriam. Dessa forma, a relação entre aquisição e aprendizagem é uma atividade cognitiva bastante individual e pessoal (SKEHAN, 1991). Consequentemente, questiona-se a educação em massa, como, por exemplo, em um cenário onde uma língua estrangeira é ensinada a 40 alunos em uma sala de aula. Neste artigo não se busca criticar o atual modelo de ensino, mas sim, propor medidas para melhorá-lo com a introdução de legendagem no ensino de línguas, levando em conta, especialmente, a comunicação.

Tradução no ensino de Língua Estrangeira (LE)

A tradução mental é uma habilidade rudimentar do ser humano (HARRIS; SHERWOOD, 1978), podendo ser aproveitada como uma estratégia cognitiva no ensino de LE, mais explicitamente por professores e alunos. Na aprendizagem de LE, Kern afirma que a tradução demonstra: “um aspecto de desenvolvimento importante em processos de compreensão em L2” (1994, p. 442), uma vez que a compreensão é apoiada pelas duas línguas. O’Malley e colaboradores (1985)

apresentam estratégias de aprendizagem de LE através da literatura, nas quais encontra-se a tradução como uma ferramenta de compreensão e/ou de produção em LE. A tradução como processo – *translating* – na aprendizagem de LE deve ser entendida como uma representação mental da Língua Materna (LM) no processo cognitivo de leitura de texto em LE. Essas observações, então, podem indicar uma facilidade cognitiva no processamento linguístico mais veloz na LM. Cook (2007), por sua vez, receia que a tradução na aprendizagem de línguas é um campo mal percebido em virtude da associação negativa do método Tradução-Gramática. Este que foca, justamente, no produto. Machida (2011) também ressalta a importância da tradução na aprendizagem de LE, dado que requer bastante atenção para “forma e significado” (p. 742), valorizando assim, o ato de traduzir. A aprendizagem é resultado da comparação entre forma e significado, avaliando o que faz (ou não faz) sentido em LE.

Legendagem⁷ no ensino de japonês

A legendagem referida neste texto não é aquela que o legendista (profissional ou não) pratica. Por outro lado, ela diz respeito à atividade de adaptação de legendagem que coloca importância no seu processo. Segundo Sekino e Takahashi (2018), esta é uma prática que consolida a aprendizagem do japonês com ênfase na percepção de contexto, objetivando para o aprendiz, a percepção do contexto e do processamento cognitivo por meio da discrepância criada entre a linguagem da tradução e o que é percebido em um dado contexto. As autoras apresentam um método que emprega as quatro habilidades linguísticas e que estimula a percepção contextual. O estímulo se refere ao vídeo, à contextualização ou ao contexto em si, dentro dos quais algumas imagens, como as expressões faciais dos comunicadores, são elementos que extrapolam o alcance do aprendiz quando o ensino é realizado apenas através de livro didático ou elementos formais da língua como gramática. A legendagem aplicada na aula de japonês considera sua importância no processo, não na legenda como produto em si, haja vista que o aprendiz cria o ambiente cognitivo compartilhado com o conteúdo do vídeo,

7 A definição de legendagem (*subtitling*) é providenciada por Shuttleworth e Cowie (1997, p. 161), sendo entendida como: “process of providing synchronized captions for film and television dialogue”; por O’Connell “supplementing the original voice sound track by adding written text on the screen” (2007, p.). Essas definições atendem à do produto como legenda. No entanto, a definição da legendagem como processo não tem sido bem providenciada, justamente pelo fato de existirem diversas formas.

esse compreendendo a relação da língua, a parte ostensiva, com os detalhes que estão em um cenário de comunicação pela inferência, o significado da mensagem, ou seja, comunicação ostensiva-inferencial.

Metodologia

O relatório feito neste espaço é uma comparação dos produtos de tradução automática da legenda final. O ponto mais pertinente é o método de legendagem na aprendizagem de japonês, descrito por Sekino e Takahashi (2018).

Aula de japonês com a legendagem

A última disciplina que envolve o ensino de japonês na Universidade de Brasília chama-se Laboratório de Língua Japonesa, a 12^a matéria da formação. Ela se insere no último ou penúltimo semestre para graduação no curso de licenciatura, cabendo ressaltar que sua ementa proporciona uma maior versatilidade no ensino. A aplicação dela em 2023 foi a 4^a experiência da pesquisadora, ocorrendo a implementação de uma modificação. Durante um semestre, uma série japonesa, de episódios com duração aproximada de 45 minutos, foi exibida aos alunos que se engajaram completamente, mergulhando na obra de maneira ativa; o que possibilitou, por sua vez, a criação de um ambiente cognitivo compartilhado com ela. Na aula, organizou-se oito alunos em duplas, cada uma responsável por um episódio, as quais realizaram as etapas a seguir:

1^a etapa – Transcrição simples: Ouvir a fala das personagens e fazer a transcrição apenas em *hiragana*, em princípio. No entanto, quando os alunos escreviam (digitavam) alguns *kanji* ou *katakana*, devido ao reconhecimento de certas palavras, permitiu-se mantê-las;

2^a etapa – “Semantização”⁸ (SEKINO; TAKAHASHI, 2018): Concluir a transcrição com *kanji*, *katakana* e pontuações;

8 O termo foi utilizado com o intuito de a transcrição simples ser modificada com a inserção de *kanji* e outras escritas, com edição textual, espaçamento e pontuação adequados. Assim, nessa segunda etapa, o texto de transcrição é consolidado com significados mais precisos. Por isso, denominou-se “semantização”.

3^a etapa – Tradução: Realizar a tradução da transcrição com ferramenta de tradução automática. Cada dupla adotou a de sua preferência (três pares usaram Google Tradutor e outro, DeepL);

4^a etapa – Legendagem: Aplicação da legenda ao vídeo com o uso de ferramenta online gratuita (Amara.org).

A dinâmica perdurou por quatro meses, com dois encontros semanais de 90 minutos, tendo a primeira etapa consumido quase metade da duração total. A habilidade auditiva não é sempre testada particularmente, mas, nessa atividade, pela primeira vez os alunos, concentrados intensivamente, enfrentaram a captura e levantamento de falas. Na 2^a etapa, a formalização de textos na transcrição foi bastante rápida pois já sabiam do que se tratava a história. A tradução automática da 3^a etapa é um elemento diferente do proposto inicial por Sekino e Takahashi (2018), sendo implementada em razão da mudança do objetivo. Desta vez, baseado na hipótese da pesquisadora de que os alunos poderiam trazer a fala mais adequada a cada cenário em PB, objetivou-se a qualidade da fala em vez da escrita. Além disso, para a etapa seguinte, a pesquisadora enfatizou que poderiam trazer a fala adequada para certas cenas em detrimento da tradução ou língua original, sendo mantido o significado. Assim, na 4^a etapa, cada par fez suas buscas sob o pressuposto: “se fosse no Brasil, como se falaria isso...?”, isto é, a busca pela semelhança interpretativa.

Antes de os alunos iniciarem as tarefas, a pesquisadora expôs o objetivo da atividade – a busca da semelhança interpretativa – juntamente com a explicação da obra e da história do período *Bakumatsu*⁹. Isso ocorreu para que os alunos pudessem iniciá-la com conhecimento preliminar, objetivando facilitar um mergulho neste universo.

Análise

Primeiro, apresenta-se a história da obra com alguns pontos relevantes. Em seguida, expõe-se as observações da pesquisadora¹⁰, ministrante das aulas, por meio de um relatório sucinto de autoria própria. Depois, analisa-se alguns dados da comparação entre a tradução e a legenda final.

9 O período do fim do Edo a partir de 1854 à 1867.

10 Ressalto que durante a aula, a pesquisadora não atuou como pesquisadora, mas ministradora da matéria. Essa disciplina não foi objeto da pesquisa na época da realização da aula.

A obra

A série dramática utilizada foi JIN (仁), exibida em TV aberta pelo canal japonês TBS entre 2009 e 2011, sendo originalmente apresentada pelo autor Motoka Murakami (村上もとか) em mangá publicado de 2000 a 2010, na revista *Super Jump* pela editora Shūeisha (集英社). Registrou-se 8 milhões de cópias acumulativas para a publicação da coleção de 13 volumes completos até o ano de 2011. O enredo mescla registros históricos com ficção, assim como exibe o uso da criatividade na medicina no contexto do fim do período Edo (*Bakumatsu 幕末*)¹¹. A série também exime a complexidade de tramas ocorridas entre dois períodos da história do Japão.

Motoka Murakami é um *mangaka* (cartunista, quadrinhista do estilo mangá) japonês. Começou a roteirizar JIN devido a um grande interesse no período *Bakumatsu*, declarando que: “se pudesse, gostaria de viajar um dia, voltando ao período Edo”¹² (Nikkei Business Online, 2008). Outra fonte de inspiração para a concepção da obra foi a leitura de um livro sobre doenças ocorridas durante o período Edo. Especificamente, a informação de que as mulheres cortesãs que trabalhavam no maior bairro vermelho de Edo¹³ tinham uma expectativa de vida de 20 anos em razão das infecções dessa natureza, além da tuberculose.

Guiado por essa inspiração e motivação, Murakami criou uma configuração complexa para sua história, a qual apresenta um cirurgião neurologista contemporâneo, Jin Minakata (南方仁). O médico, ao tentar conter um paciente fugitivo, acidentalmente cai de uma escada e acaba realizando uma viagem temporal ao passado, para a região de Edo, no período *Bakumatsu*. Já no passado, Jin Minakata acaba se deparando com um samurai, Kyōtarō, cercado por vilões que estavam para atacá-lo. Contudo, estes, ao verem o “homem estranho” de jaleco, resolvem atacá-lo, primeiro. Kyōtarō, ao proteger Jin, acaba tendo uma grave lesão na cabeça em razão do combate. Jin, por sua vez, salva-o, realizando uma espécie de

11 Momento compreendido na transição entre os séculos XVIII e XIX, que marca o declínio do xogunato Tokugawa.

12 それができるなら、タイムマシンで1日江戸時代へ行きたいな」

13 Para evitar confusões, esclareço que Edo pode referir-se tanto ao período histórico quanto à cidade de mesmo nome que, atualmente, corresponde à região de Tóquio. Em relação à época, também podem ser atribuídos os nomes: Edo Bakufu, Período Edo, Período Tokugawa, Xogunato Tokugawa ou Idade da Paz Ininterrupta. O bairro vermelho faz referência ao bairro de Yoshiwara, um centro de prostituição do Edo na época.

cirurgia com as ferramentas de trabalho que carregava no momento em que foi transportado à época.

Após conseguir se localizar histórica e contextualmente, o protagonista se envolve com tratamentos de várias doenças e situações médicas com as quais nunca havia tido contato, mas acaba conquistando seu espaço junto a outros médicos da época, como Kōan Ogata (緒方洪庵) (1810-1863). Jin também tem que encarar situações nas quais precisa utilizar a criatividade para suprir a limitação de instrumentos e medicamentos, dadas as circunstâncias do período, tudo enquanto procura uma solução para voltar ao tempo presente.

A série de TV: primeiros quatro episódios

Os participantes assistiram à série, cujos episódios possuem duração aproximada de 45 minutos, com exceção do primeiro, que possui em torno de 60 minutos. Para o episódio inaugural, a pesquisadora atribuiu-o a um par que continha um aluno formado na área da saúde para auxiliar o outro discente no que tange às terminologias utilizadas no meio médico. Os outros 3 pares se engajaram com os demais episódios de 45 minutos.

O episódio 1 apresenta o neurologista Jin Minakata que trabalha no setor de cirurgias na emergência de um hospital universitário em Tóquio. Logo após uma operação, o protagonista se vê em um cenário no qual precisa conter um paciente fugitivo e, ao capturá-lo, acaba caindo da escada. Neste instante, ele acaba sendo transportado do tempo presente ao período Edo. Logo no início de sua aventura, o personagem tem sua vida ameaçada por um samurai, mas é defendido por outro guerreiro, Kyōtarō, o qual acaba sendo golpeado. Contudo, Kyōtarō tem sua vida salva pelo médico. Em seguida, ele encontra uma mulher gravemente ferida por um cavalo e a opera sem anestesia, situação na qual percebe que os conhecimentos que possuía era sustentado mais no apoio proporcionado pela tecnologia do século XXI do que em sua própria habilidade.

No segundo episódio, Jin presencia o filho da mulher que salvara vomitar e, assim, percebe que todo o povo da região apresentava o mesmo sintoma, chegando à conclusão de que os sinais indicavam um diagnóstico de cólera. Sendo assim, ele começou a abrigar os doentes e a tratá-los com uma bebida isotônica caseira. Um grupo de médicos liderado pelo Dr. Kōan Ogata, busca o protagonista para obter mais informações do que poderia estar acontecendo, mas ele mente, dizendo que não conhece aquele mal. Contudo, acaba instruindo a equipe que isolasse os

doentes dos não doentes, dando uma pista aos médicos de que a enfermidade era contagiosa. Num momento posterior, o personagem finalmente conta que conhece a doença e pede ajuda à equipe para que o auxiliasse a realizar o tratamento, que acaba se mostrando eficaz. No entanto, o herói começa a apresentar sintomas de ter contraído a doença.

No terceiro episódio, Jin já se encontra em estado grave e Saki, irmã de Kyōtarō, a qual esteve ao lado do médico durante os tratamentos, vê-se no papel de agir para salvá-lo. Ela, portanto, aplica o tratamento que aprendeu, salvando a vida do protagonista. A doença perde força e os cidadãos de Edo começam a se recuperar, mas Jin se encontra desabrigado, uma vez que não pertencia àquela cidade, muito menos àquele tempo e, compadecida da situação, a mãe de Kyōtarō e Saki o acolhem na casa da família. Já estabelecido, Jin resolve abrir uma clínica.

O enredo do episódio 4 traz Ryōma Sakamoto¹⁴, personagem que mantém aparições desde que o personagem principal chega a Edo, mostrando-se sempre muito solícito a ele. Assim, por ter ajudado o dono da casa de cortesãs, Ryōma foi convidado para uma noite de diversões. Aproveitando a ocasião Ryōma chama Jin para conhecer o bairro e desfrutar do entretenimento exótico e exuberante. Lá, os personagens encontram Nokaze, uma *oiran*¹⁵ muito semelhante à Miki, noiva do protagonista que no tempo presente encontra-se em estado vegetativo após uma cirurgia realizada pelo próprio Jin. A cirurgia foi para remover um tumor de sua noiva. O personagem consegue perceber no olho da *oiran* seu estado de anemia. Dias depois, Jin é chamado de volta para visitar o dono da casa que entrou em coma devido a um coágulo em sua cabeça. O médico o operou e o salvou, conquistando a confiança de Nokaze. Na última consulta após a recuperação do enfermo (dono da casa de cortesãs), a cortesã chama o doutor para visitar uma das prostitutas, uma ex-*oiran*, que estava acamada devido às complicações de sífilis.

Observação dos alunos

A pesquisadora, responsável pela aula, observou que na etapa em que os alunos ouviam e levantavam a transcrição, houve uma maior concentração das

¹⁴ Ryōma Sakamoto 坂本龍馬 (1836-1867) foi o líder que comandou o movimento para derrubar pacificamente o xogunato Tokugawa, evento que ficou conhecido como Restauração de Meiji.

¹⁵ Refere-se a uma espécie de cortesã, a mais alta na hierarquia de todas as que trabalhavam no bairro Yoshiwara, no período Edo.

duplas ao transcrever os textos falados. No primeiro mês de dinâmica, o andamento se mostrou muito lento, com um progresso de 5 minutos de episódio, em média, por aula (90 minutos). Já no segundo mês conseguiu-se acelerar a realização da tarefa, já com a inserção de *kanji* e *katakana* quando os discentes tinham certeza do significado.

O trabalho foi realizado sempre em um laboratório, cujos computadores desse recinto apresentavam problemas para escrita japonesa. Para contornar essa adversidade, os alunos utilizaram alguns programas em que a escrita japonesa virtual era possibilitada, especialmente o *Google Translate*, e quando não tinham certeza, conferiam a tradução de algumas palavras capturadas auditivamente.

Nenhum dos alunos foi capaz de entender as falas de pronto, necessitando pausar o vídeo e repetir os trechos para, ocasionalmente, procurar os significados das palavras até que conseguissem compreendê-las e gravá-las na mente, muito em razão da série possuir dialetos, expressões honoríficas e linguagem da época. No entanto, apesar das dificuldades nos primeiros momentos, os alunos se acostumaram com o processo, passando a realizá-lo com maior fluidez, identificando as falas e quem as emitia, mapeando as características de pronúncia e conseguindo supor como terminariam as falas dialetais. A aparição da linguagem de especialidade da esfera da saúde era esporádica e não incomodava os participantes, mas, caso necessário, também dispúnhamos do aluno formado nessa área para esclarecer os significados.

Após terminar esse processo e realizar a tradução automática, os discentes necessitaram alterar quase todo seu texto pelos seguintes motivos: 1) a tradução não fazia sentido em PB; 2) o conteúdo foi alterado na tradução automática e precisou ser reajustado; 3) a tradução foi muito longa para certas cenas ou às vezes foi cortada, então, ficou incompleta. Também substituía a tradução extensa, parafraseando-a em fragmentos; 4) a fala dialetal foi modificada, sendo adaptada a tradução em um linguajar ou dialeto no PB. Isso ocorreu com o intuito de corresponder algumas falas peculiares dos personagens.

No último dia de aula, as duplas expuseram seus trabalhos, explicando em detalhes o episódio pelo qual ficaram responsáveis, como também elucidaram a própria interpretação por meio das investigações histórica, cultural e de costumes que realizaram ao longo do processo. Os alunos também se dispuseram a esclarecer dúvidas dos colegas em relação a transcrições que não tivessem ficado tão comprehensíveis, além disso, interagiram com as diversas interpretações que surgiram sobre os trechos exibidos da obra em análise.

Algumas análises da tradução automática com a legenda já alterada

Narração

A série apresenta trechos conduzidos apenas por uma narração, como logo no início, em que ouvimos a voz de Miki, noiva de Jin, por 1 minuto e 30 segundos. Nesse momento, apesar da fala não ser veloz, a legenda carregaria muitas palavras, de forma que o público não conseguiria acompanhar. O par responsável por esse recorte adaptou a transcrição da seguinte forma:

Quadro 2: Produções dos alunos do Par 1 no trecho inicial do Episódio 1. Duração de 1 minuto e 30 segundos

Transcrição	私たちは 当たり前だ と思っている。おもいたてば、地球の裏側にでも、行けることを いつで も思いを伝えること ができること。平凡だが、満ち足りた日々 が続くであろうこと。闇を忘れてしまった夜。でも、もし ある日突然、そのすべてを失てしまったら、鳥のような自由を満たされた生活を明るい夜空を失てしまったら、闇ばっかりのよるにたったひとり掘り込まれてしまったら、あなたはそこで 光をみつけることができるだろうとか。その光をつかもうとするだろうか。それとも、光なき世界に 光をあたえようとするのだろうか。 あなたのその手で。
Tradução automática (DeepL)	Nós consideramos isso garantido. Poder transmitir meus sentimentos a alguém a qualquer momento e saber que poderia ir para o outro lado do mundo. Haverá muitos dias mundanos, mas gratificantes. A noite em que me esqueci da escuridão. Mas se um dia, de repente, você perder tudo isso, se perder sua liberdade de pássaro e o céu noturno brilhante, se estiver sozinho na escuridão, você irá... Talvez você possa encontrar luz ali. Você tentará compreender essa luz? Ou tentarão trazer luz a um mundo sem luz? Com as mãos.
Legenda	00:00:06,829 --> 00:00:11,539 (Miki) Tomamos isso como certo 2 00:00:11,676 --> 00:00:16,136 que podermos viajar para o outro lado do mundo se quisermos 3 00:00:16,471 --> 00:00:21,681 que sempre podemos expressar nossos sentimentos

4
00:00:24,071 --> 00:00:28,371
que embora ordinários,
nossos dias serão cheios de vida
5
00:00:31,694 --> 00:00:35,304
e que podemos esquecer
a escuridão da noite.
6
00:00:35,372 --> 00:00:40,493
Mas e se, um dia
7
00:00:40,493 --> 00:00:45,063
tudo isso for perdido...
8
00:00:45,066 --> 00:00:48,126
a liberdade como a dum pássaro
9
00:00:48,278 --> 00:00:51,178
os dias cheios de vida...
10
00:00:51,203 --> 00:00:54,163
E se o brilho do céu noturno for perdido?
11
00:00:55,483 --> 00:00:59,333
Para dentro da noite escura
12
00:00:59,387 --> 00:01:03,147
sozinho, você for jogado
13
00:01:10,177 --> 00:01:12,423
Então, você...
14
00:01:12,619 --> 00:01:16,002
seria capaz de encontrar a luz?
15
00:01:17,743 --> 00:01:21,753
Tentaria agarrar-se a ela?
16
00:01:23,230 --> 00:01:27,380
Ou então, esse mundo sem luz
17
00:01:28,213 --> 00:01:31,553
você tentaria iluminar?
18
00:01:33,333 --> 00:01:35,733
Com suas próprias mãos?

Quadro 3: Comparação do original e da legenda (sem marcação de tempo) do primeiro trecho do Quadro 2 produzido pelos alunos do Par 1.

Transcrição	Legenda (agregada sem marcação de tempo)
私たちは 当たり前だと思っている。 おもいたてば、地球の裏側にでも、行 けることを	Tomamos isso como certo que podemos viajar para o outro lado do mundo se quisermos que sempre podemos expressar nossos senti- mentos
いつでも 思いを伝えることが できる こと。	que embora ordinários, nossos dias serão cheios de vida e que podemos esquecer a escuridão da noite. Mas e se, um dia tudo isso for perdido...
平凡だが、満ち足りた日々 が続くで あろうこと。	a liberdade como a dum pássaro os dias cheios de vida...
闇を忘れてしまった夜。	E se o brilho do céu noturno for perdido? Para dentro da noite escura sozinho, você for jogado
でも、もし ある日突然、 そのすべてを失つてしまったら、 鳥のような自由を	Então, você... seria capaz de encontrar a luz? Tentaria agarrar-se a ela? Ou então, esse mundo sem luz você tentaria iluminar?
満たされた生活を明るい夜空を失つ てしまったら、闇ばっかりのよるに たつたひとり掘り込まれてしまったら、	Com suas próprias mãos?
あなたはそこで 光をみつけることが できるだろうとか。その光をつかもうと するだろうか。 それとも、光なき世界に 光をあたえよ うとするのだろうか。 あなたのその手で。	

A tradução automática (Quadro 2) acabou causando estranhamento, o que já era esperado. Em contrapartida, ela deu pistas para os alunos de como seria a tradução de algumas palavras, fazendo-os perceber, no trecho demonstrado acima, que o conteúdo da fala possuía um teor poético. A competência e a criatividade dos alunos foi muito além do que o produto da tradução automática demonstrava e, por isso, conseguiram adaptar muito bem o discurso de uma das personagens mais importantes da história. Outro ponto crucial para a criação de um ambiente cognitivo compartilhado, facilitando a interpretação dos participantes, deu-se pelo fato de já terem assistido ao episódio, portanto, sabiam do tom melancólico da locução e da ideia central de que a vida normal é entendida como um milagre

quando se é privado dela. Essa mensagem é a intenção comunicativa do autor (ou seja, da narradora) e foi narrada lentamente com pausas. Contudo, a aparição de cada legenda não fazia sentido devido à lentidão da narração que o discurso oral escrito não fluía. O par, então, fez esforço para que a legenda de cada cenário transmitisse sentido, alterando a velocidade da aparição e tentando anular a estranheza da sequência das legendas soltas. Essa experiência é mais relacionada com a estratégia da legendagem do que a tradução em si. No entanto, é um aprendizado sobre a versatilidade da comunicação: o par observou a importância da transmissão da mensagem em detrimento da forma linguística da legenda, adequando os elementos extralingüísticos em uma dada condição.

Diálogo

No episódio 3, em que Jin está em isolamento social por ter entrado em contato com pacientes com cólera, o Dr. Ogata, junto de seus assistentes, procura desesperadamente pelo protagonista, a fim de receber instruções sobre o tratamento da enfermidade. Segue abaixo o diálogo entre os personagens.

Quadro 4: Episódio 3, a partir de 00:36 a 1:36,
A transcrição dos alunos do Par 2.

Transcrição	Tradução automática (Google Tradutor)
佐分利:だいじなんは 患者を隔離する ちゅうことと 消毒なるものを徹底する ちゅうことね 仁:とにかく 感染を広めないことが一番です	Saburi: O segredo é isolar o paciente e desinfetá-lo completamente. Jin: De qualquer forma, o melhor é não espalhar a infecção.
佐分利:それから、沸騰させた水一升に 塩2勺(もんめ) 砂糖10勺 を加えたORSなる液を飲ませる	Saburi: Em seguida, faça-os beber um líquido chamado ORS, que é feito adicionando 2 meses de sal e 10 meses de açúcar a um litro de água fervida.
仁:はい	Jin: Sim

緒方先生:しかしながら、コロリの患者の中には すぐに吐いて もどすのも また多いですな	Dr. Ogata: No entanto, também há muitos pacientes que vomitam imediatamente.
仁:細い管を使って 胃に直接流し込む という 方法も あるんですが	Jin: Também existe um método de despejá-lo diretamente no estômago usando um tubo fino.
緒方先生:たとえば、どのような	Dr. Ogata: Por exemplo, que tipo de
仁:あんのかな…? あの、ゴム管でありますか	Jin: Eu me pergunto…? Hum, você tem um tubo de borracha?
緒方先生:あります	Para o Sr. Ogata: Sim.
仁:あるんですか。ゴム管	Jin: Existe? tubo de borracha
緒方先生:はい	Sr. Ogata: Sim.
仁:あつたんだこの時代に	Jin: Aconteceu nesta época.
緒方先生:長崎より、取り寄せたるものが 医学所の方に	Dr. Ogata: Os itens encomendados de Nagasaki foram entregues na faculdade de medicina.
仁:ちょっと待っててください	Jin: Por favor, espere um momento.
龍馬:あるある。なんでもあるき	Ryoma: Sim, é verdade. Qualquer coisa serve
仁:銀でこういう針は作れますか。中が空洞になっていますが	Jin: Você consegue fazer uma agulha como essa de prata? É oco por dentro
緒方先生:腕の良いかんざし職人がおればできぬことはございません	Sr. Ogata: Enquanto tivermos um artesão kanzashi qualificado, não há nada que não possamos fazer.

Quadro 5: Comparação da tradução automática com a legenda final sem marcação de tempo do Quadro 4

Tradução automática	Legenda
Dr. Saburi: O segredo é isolar o paciente e desinfetá-lo completamente.	Dr. Saburi: O importante é isolar o paciente e garantir que ele seja completamente desinfetado, né?

Jin: De qualquer forma, o melhor é não espalhar a infecção.	Jin: De qualquer forma, o melhor é não espalhar a infecção.
Dr. Saburi: Em seguida, faça-os beber um líquido chamado ORS, que é feito adicionando 2 meses de sal e 10 meses de açúcar a um litro de água fervida.	Dr. Saburi: Então, eles recebem um soro fisiológico feito de 2g de sal e 10g de açúcar a 2L de água fervida.
Jin: Sim	Jin: Isso.
Dr. Ogata: No entanto, também há muitos pacientes que vomitam imediatamente.	Dr. Ogata: Mas, muitos pacientes com cólera também vomitam imediatamente e voltam.
Jin: Também existe um método de despejá-lo diretamente no estômago usando um tubo fino.	Jin: Tem também um método que usa um pequeno tubo direto para estômago.
Dr. Ogata: Por exemplo, que tipo de	Dr. Ogata: Por exemplo, como?
Jin: Eu me pergunto...? Hum, você tem um tubo de borracha?	Jin: Como explico...? Bem... você tem tubos de borracha?
Dr. Ogata: Sim.	Dr. Ogata: Temos.
Jin: Existe? tubo de borracha	Jin: Tem? Tubos de borracha?
Dr. Ogata: Sim.	Dr. Ogata: Temos.
Jin: Aconteceu nesta época.	Jin: Então tinha nesse período...
Dr. Ogata: Os itens encomendados de Nagasaki foram entregues na faculdade de medicina.	Dr. Ogata: Encomendamos de Nagasaki pelo centro médico.
Jin: Por favor, espere um momento.	Jin: Só um instante, por favor!
Ryoma: Sim, é verdade. Qualquer coisa serve	Ryoma: Tem, tem. Tem de tudo!!
Jin: Você consegue fazer uma agulha como essa de prata? É oco por dentro	Jin: Vocês podem fabricar essas agulhas em prata? Mas elas são oca por dentro.
Dr. Ogata: Enquanto tivermos um artesão kanzashi qualificado, não há nada que não possamos fazer.	Dr. Ogata: Não há nada que um artesão kanzashi habilidoso não possa fazer.

O diálogo é interessante de se analisar, pois o efeito da imagem, contexto e interpretação dos alunos do episódio é evidente no trabalho de legendagem.

Nenhum trecho da tradução automática permaneceu, sendo adaptado até o mais simples “sim”, substituído no contexto linguístico do leitor por “temos” (Quadro 5). A legenda dos discentes demonstra o resultado da busca pelo significado e pela interpretação em cada trecho, resultando em uma tradução compreensível ao expectador. Isso quer dizer que os alunos entenderam, conscientemente ou não, através dessa atividade, a tradução como ato de comunicação ostensiva inferencial e a busca pela tradução cognitivamente econômica, ou seja, menos onerosa, facilitando a compreensão do leitor.

No primeiro trecho do Quadro 5, o par inseriu as palavras sublinhadas para compor o sentido mantendo a concordância com “completamente”, que pode ser observado no Quadro 6. A tradução perde a literalidade com essa inserção, mas fortalece o significado do original. Independente da qualidade da legenda, nota-se que os alunos, por meio do ambiente cognitivo compartilhado, se preocuparam com a busca pela equivalência do significado e da interpretação em si. Além disso, é interessante observar a influência dessa atividade na aquisição do japonês. O par teve dificuldades para entender a expressão ちゅう (*chū*), comum na oralidade e muito utilizada pelo médico Saburi ao longo do episódio, mas, depois dos esclarecimentos com as formas mais usadas “という” (*toiu*), “ていう” (*teiu*), os alunos dominaram a forma ていう, incorporando-a na fala do dia a dia. Por fim, ilustrou-se um momento de aquisição, por terem sido expostos ao contexto sobredito.

Quadro 6: O primeiro trecho do Quadro 5.

Original	佐分利:だいじなんは 患者を隔離する ちゅうことと 消毒なるもの徹底する ちゅうことね
Tradução automática	Dr. Saburi: O segredo é isolar o paciente e desinfetá-lo completamente.
Legenda	Dr. Saburi: O importante é isolar o paciente e garantir que ele seja completamente desinfectado, né?

Discussão

A atividade de tradução e legendagem tem sido realizada em termos da melhoria do ensino e aprendizagem de japonês. O ensino multimodal tem suma importância no que diz respeito à compreensão contextual, porque nos termos da TR, a inferência na comunicação não aponta apenas um objeto ou uma tecitura

predominante no cenário da comunicação, mas também envolve a preocupação do locutor sobre o conhecimento em posse do interlocutor, seu humor, alguns pequenos cenários e cenas imperceptíveis, como, por exemplo, um gato deitado em um muro ou chuva, etc. A maioria dos livros didáticos usados nas instituições não ensina a comunicação, tanto oral como escrita, propriamente dita em japonês, fragmentando apenas a parte linguística (superfície do *iceberg*) com o uso de várias regras gramaticais e textuais.

Outro fator importante para a atividade de legendagem no ensino de japonês é o envolvimento do discente na busca por equivalência para a fala das personagens que aparecem no vídeo. O próprio aluno possui a intenção de informar algo para o leitor da legenda, e dessa forma, começa a pensar na melhor maneira para representá-la na língua-alvo, dentro do espaço restrito, do ritmo e/ou da velocidade das falas. Por conseguinte, pensando no efeito da comunicação, ele percebe o mínimo necessário para poder cumprir o êxito na comunicação com o leitor. A equivalência estabelecida pelo aluno o faz entender a maleabilidade da tradução que, devido ao ensino do léxico com o uso de dicionário, não consegue ir além do significado aprendido na classe 買い物, *kaimono*)” e “preço de compra (買い 値, *kaine*, não 買い物 値, *kaimono-ne*)” suas traduções mudam de acordo com o significado de um léxico, para uma parte da locução, facilitando a compreensão dessa relação. A forma linguística não pode ser interpretada como imutável, mas flexível de acordo com o contexto em que palavras estão inseridas em uma situação e, nesse sentido, a tradução pode se tornar difícil devido à falta de apoio contextual em vídeo, por exemplo. Necessita-se um alto domínio da língua-alvo para entender o contexto que possibilita o aluno ler e entender, ou até imaginar o cenário de um texto sem apoio da imagem. Mesmo que o uso de tradução no ensino de língua seja positivo, deve-se considerar quando e como usar, sendo essa ponderação um parâmetro imprescindível na metodologia de ensino de língua estrangeira.

Considerações finais

O estudo sobre o uso da legendagem no ensino de japonês ainda está em andamento, sendo muito precipitado para a pesquisadora apresentar uma conclusão ou sistematização da observação de forma mais consistente. Então, para que se possa realizar uma apresentação teórico-metodológica mais sólida, precisa-se coletar mais dados, especialmente do comportamento do aluno durante a legendagem. Percebe-se que há certas estratégias para que ele comprehenda o vídeo em japonês, mas ainda não se pode concluir quais são os fatores que fazem o aluno

adequar a legenda a partir da tradução, ou seja, ainda há lacunas metodológicas no que concerne à observação do processo de legendagem. Portanto, mesmo que seja um processo de legendagem realizado por um profissional, ainda não foram encontrados métodos formalmente relatados que expõem critérios de usagem. O problema, talvez, fique na diversidade de métodos de legendagem, por exemplo: alguns fazem a legendagem a partir de um roteiro, outros inserem diretamente a legenda no vídeo. Por conseguinte, qual seria a unidade perceptível da legenda? À vista disso, precisa-se observar mais relatórios de pesquisa contemplando o ato de legendar.

Nesta exposição, reconhece-se uma possibilidade positiva que melhora o entendimento do aluno de japonês sobre a relação entre comunicação e linguagem pela atividade de legendagem. Pretendo continuar investigando através da observação de campo como relatório etnográfico e com a observação do efeito consistente no aluno no que diz respeito à aquisição do japonês. Além das lacunas observadas, estou ciente de outra brecha na análise dos dados. Esse será um desafio maior, justamente por ter mencionado a falha na definição da unidade de legenda. A unidade de dados deve ser definida o mais breve possível para categorização subsequente. Espero encontrar mais pesquisas de mesma natureza em virtude da perspectiva teórica e metodológica.

Referências bibliográficas

- ALMAZÁN GARCIA, E. M. Dwelling in Marble Halls: A Relevance-theoretic approach to intertextuality in translation. *Revista Alicantina de Estudios Ingless*, 14. 2001. p. 7-19.
- COOK, G. Translation in Language Teaching. Oxford, Oxford, 2011.
- GRICE, P. Studies in the way of words. Harvard Univ. Press, Massachusetts. 1989.
- GUTT, E. A. Relevance theory: a guide to successful communication in translation. Dallas, Summer Institute of Linguistics. 1992.
- GUTT, E. A. Translation and relevance: cognition and context. Sr. Jerome, Manchester. 2000.
- GUTT, E. A. On the significance of the cognitive core of translation. SIL International and University College London, London, 2004.
- HARRIS, B.; SHERWOOD, B. Translating as an innate skill. In: D. GERVER; W. H. SINAIKO. (eds.), *Language Interpretation and Communication (Proceedings of the NATO Symposium on Language Interpretation and Communication)*, Giorgio Cini Founda-

tion, Venice, 1977), NATO Conference Series, Series III (Human Factors), 6, New York, Plenum, 1978. p. 155-170.

KRASHEN, S. D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Prentice-Hall International, 1987.

MACHIDA, S. Translation in teaching a foreign (second) language: A methodological perspective. *Journal of language teaching and research*, vol. 2, n. 4, 2011. p. 740-746.

MATSUI, T. Relevance theory – An introduction to cognitive pragmatics. (関連性理論 –認知語用論の射程ー[kanrensei riron – ninchigoyouron no shatei]) 人工知能学会誌 [jinkou chinou gakkai]18 n. 5, 2003. p. 592-602.

O'CONNELL, E. Screen Translation. In: P. KUHIWCZAK; K. LITTAU (eds.): *A companion to translation studies*. Multilingual Matters, Toronto. 2007. p. 120-133.

O'MALLEY et al. Learning strategies used by beginning and intermediate ESL students. *Language Learning*, 35, 1985. p. 21-46.

SEKINO, K.; TAKAHASHI, S. Legendagem: uma atividade na aula de japonês. *Texto Livre*, v. 11, 2018. p. 60-81.

SKEHAN, P. Individual differences in two languages. *SSLA*, n. 13. 1991. p. 275-298.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: Communication and Cognition*. Blackwell, London. 1986.